



## A LINGUAGEM NO CONTEXTO PÓS-COLONIAL EM *THE SACRIFICIAL EGG*, DE CHINUA ACHEBE (1962)

Silvio Ruiz Paradiso<sup>1</sup>; Leoné Astride Barzotto<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho é um recorte do trabalho intitulado “A presença pós-colonial em narrativas curtas: percorrendo diálogos culturais”. Neste trabalho fomentamos uma análise a partir de um estudo que abarca os pressupostos teóricos sobre pós-colonialismo e estudos culturais, como: multiculturalismo, resistência, hibridismo, ou seja, teorias que envolvem as culturas do “terceiro mundo” e, respectivamente seus estudiosos como Ashcroft, Griffiths, Tiffin, Bhabha, Mattelart e Neveu. A análise se debruçou sobre o conto em Língua Inglesa “The Sacrificial Egg,” (1962) de Chinua Achebe. Autor de origem nigeriana que é reconhecida por suas narrativas nacionalistas e de resistência. O enfoque de nossa leitura deu-se no discurso lingüístico ora ab-rogativo, quando o autor se distancia do inglês padrão, inserindo na narrativa vocábulos próprios da língua Ibo, criando uma lacuna metonímica. Ora um texto apropriativo, quando se utiliza da língua inglesa do colonizador para subvertê-lo. Para que a pesquisa pudesse ter cumprido sua proposta, os métodos de procedimento foram históricos e comparativos, enquanto o caráter foi descritivo/analítico, pois, dessa forma, os fatos puderam ter sido identificados, descritos, classificados, interpretados e, principalmente, analisados pelo pesquisador sem a interferência e manipulação do mesmo. Houve a descrição das teorias propostas juntamente com a narrativa em questão.

**PALAVRAS-CHAVES:** Linguagem; literatura Inglesa; Pós-colonialismo

### 1 INTRODUÇÃO

Estruturado em meados dos anos 60, a teoria pós-colonial contribuiu com os estudos culturais na perspectiva pós-moderna, instituindo novas “idéias Ocidentais” do que seria colonização, ao mesmo tempo, inserindo em seus estudos novas versões pós-modernas entre o relacionamento metrópole e colônia. Mais ainda, revela-se uma teoria de relações binárias do “Primeiro” com o “Terceiro Mundo”, não só desmembrando as fronteiras culturais, mas como também as fronteiras ideológicas e intelectuais. Assim, pós-colonialismo abrange “toda cultura afetada pelo processo imperial desde o momento da colonização até os dias de hoje.” (ASHCROFT *et al.*, 1991)

Toda análise literária pós-colonial baseia-se em elementos ora de violência, ataque, invasão, domínio e supremacia ocidental do Outro/dominante, ou seja, do colonizador, ora identidade, resistência, revide, contra-argumentação, subversão, oposição e mímica do “outro” nativo/colonizado, objetificado, alienado, oprimido e dominado.

---

<sup>1</sup> Acadêmicos do Curso Letras Português/Inglês do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR. Bolsista IC -Fundação Araucária/CESUMAR e PROBIC/CNPq. [silvinhoparadiso@hotmail.com](mailto:silvinhoparadiso@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda da área de Teorias Literárias, Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina – PR. Docente do CESUMAR. Departamento de Letras Português/Inglês do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR. [leone@cesumar.br](mailto:leone@cesumar.br)

As narrativas africanas pós-coloniais de Chinua Achebe estão construídas com base em conceitos de nacionalismo, resistência, ab-rogação, apropriação, entre outros. Além disso, tais textos compreendem assuntos referentes às sociedades que sofreram com o infortúnio da colonização, enaltecendo tópicos como: os dilemas de desenvolver uma identidade nacional após as regras coloniais, tentando restituir costumes, credences e revoltas como escreve Bonnici:

Influenciados por Fanon, os nigerianos Chinua Achebe (n.1931) e Ben Okri (n. 1959) realizam não apenas um trabalho antropológico, resgatando os costumes, os provérbios e a organização tribal da época pré-colonial, mas, de modo especial, mostram a cultura do povo africano em processo de construção na medida em que o nativo se organiza para se rebelar contra o colonizador. (2000, p.39)

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa será de caráter descritivo/análítico, pois, dessa forma, os fatos podem ser identificados, descritos, classificados, interpretados e, principalmente, analisados pelo pesquisador sem a interferência e manipulação do mesmo. Haverá a descrição da teoria proposta juntamente com a narrativa em questão para que, então, possa ser feita uma análise. Dessa forma, os passos da pesquisa deverão corresponder, basicamente, às seguintes etapas:

1. Pesquisa bibliográfica; 2. Descrição das teorias; 3. Estudo da narrativa; 4. Descrição das narrativas; 5. Aplicação da teoria à narrativa; 6. Análise e interpretação e 7. Conclusão.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na sociedade e literatura pós-colonial, o idioma é um instrumento subversivo e ideologicamente construído. O autor o utiliza em meio à ab-rogação da língua da metrópole e a apropriação da mesma por motivos históricos e subversivo, gerando um elemento carregado de um poder capaz de levar o sujeito colonial da periferia ao centro e vice-versa.

Os elementos de ab-rogação e apropriação proporcionam “poder” ao autor pós-colonial sobre a língua e literatura canônica inglesa.

### 3.1 AB-ROGAÇÃO

O termo Ab-rogação (*abrogation*), do latim *abrogatio*, denotativamente significa “1. anular; revogar; cassar.” (LUFT, 2001, p.32) Mas, é no direito que vemos o conceito mais próximo no contexto pós-colonial: “(no direito) anulação de uma lei por lei posterior”<sup>3</sup>, isto é, renovar algo. Logo, quando dizemos que um autor colonial ab-roçou a língua do império britânico, e este continua a utilizar a língua inglesa, cremos que o mesmo se excluiu do papel de perpetuar o “código *Standard*” da língua, mas ao contrário, o utiliza visando uma nova roupagem, mesclando padrões dialéticos, coloquiais e/ou até mesmo um novo idioma.

É a rejeição de conceitos normativos da língua europeia como o *Standard English* e o Francês da Academia, por escritores pós-coloniais, do mesmo modo como há rejeição de línguas “marginalizadas” como o crioulo e o *pidgin* pelo modelo literário europeu.

A ab-rogação cruza-se com a idéia de desculturação, já que ambas rejeitam todos e qualquer mecanismo cultural “além-nação”, da mesma forma que se cruza com as experiências híbridas e sincréticas, pois estas refutam a posição normativa e padrão do

<sup>3</sup> [http://www.direitonet.com.br/dicionario\\_juridico/x/51/44/514/](http://www.direitonet.com.br/dicionario_juridico/x/51/44/514/)

Inglês, assim como a visão monocêntrica européia. Muitos vêem a utilização da Língua Inglesa como padrão para todos os países que sofreram (e sofrem) com a dominação inglesa não uma forma de autenticação, mas sim uma forma de “não autenticação”, já que é o inglês representando um lugar “não-inglês”, até porque na crítica pós-colonial a língua é a representação da essência e pensamentos. Logo, a cultura de um povo, como refere as pesquisadoras Elizabeth Maria Chemin Bodanese e Neri França Fornari Bocchese no artigo “Linguagem: presença significativa na identidade e no progresso de um povo”:

Contudo, não é somente o vocabulário que conceitua a ab-rogação, mas sim o modelo textual. Em *The Sacrificial Egg*, a constante revelação da paisagem Nigeriana, seus costumes e crenças, fazem da língua inglesa uma coadjuvante, pois o desejo de Achebe é “escrever em inglês, mas não como um inglês”.

### 3.2 APROPRIAÇÃO

Os defensores da apropriação crêem que o certo é escrever em inglês sim, mas não como um inglês, mas como um indiano, um paquistanês, africano etc. Achebe, nosso autor escolhido, observa na escolha do uso da língua européia como uma forma inteligente de expor ao mundo a experiência ancestral:

Não me resta outra escolha. Esta língua foi dada para mim e pretendo usa-la [...] percebo que a língua inglesa carregará todo o peso da minha experiência africana. Todavia, terá de ser um inglês diferente, em plena comunhão com sua pátria ancestral, mas transformado, para adaptar aos ambientes africanos. (ACHEBE apud BONICCI, 2000, p.45)

A justaposição de palavras, isto é, a mudança repentina de código num texto colonial é técnica de juntar uma linguagem nativa sobre a língua do império, cria barreiras e distancia as duas culturas, salientando uma independência lingüística dos colonizados, sem deixar de utilizar essa mesma língua. Outra técnica é de escolher palavras ou termos “intraduzíveis” dando o significado a apenas indivíduos do mesmo grupo. Essa técnica é altamente subversiva, pois ela cria uma armadilha ao colonizado, pois deste é necessário entrar na cultura, para poder entender esses termos e vocábulos.

[...]a reescrita tornou-se uma prática discursiva pós-colonial através da qual, e aproveitando-se de lacunas, silêncios[...] dos textos ‘canônicos’, surge um novo texto que subverte as bases literárias, os valores e os pressupostos históricos do primeiro. (BONICCI, 2005, p. 48).

### 3.3 LACUNA METONÍMICA

O termo lacuna metonímica refere-se quando frases, palavras, termos ou mudança de códigos da língua natural ou nativa são inseridos, em um texto escrito na língua colonizadora. Tais termos e palavras representam, de certo modo, a cultura colonizada estabelecendo uma lacuna entre a língua do colonizador e a língua dos indivíduos colonizados.

As línguas nativas são tão fortes perante a sociedade que dela se utiliza, que reminiscências de termos, palavras e códigos fixam na Língua *Standard*. Essa mistura provoca aberturas ou lacunas que fazem com que essa “nova construção” seja subversiva, pois a Europa não admite que não consiga entender tal discurso, não assumindo uma suposta falha intelectual. A lacuna metonímica é uma prova que o imperialismo é falho, sofrendo rejeição e subversão pelos idiomas “subalternos”, “inferiores” e “periféricos”, como próprios definem.

Essas trocas de palavras, uma pela outra, ou por uma idéia que com ela tem relação é o meio pelo qual o sujeito colonizado introduz na língua hegemônica uma marca

própria, maculando a “língua pura” de Shakespeare e “confundindo” a superioridade intelectual dos “mestres”. A decifração depende do contexto e deve ser pertinente a ele. Logo, torna-se um enigma ao colonizador decifrar o significado dos textos, preferindo rejeitá-lo, tal rejeição promove o livre acesso desses textos, promovendo o que justamente não quer o colonizador: divulgar o discurso do subalterno.

Tanto Bhabha quanto Ashcroft crêem que a metáfora tem uma supremacia sobre a metonímia nos textos pós-coloniais, visto que a metáfora é por si só multicultural, pois sua leitura é universal, já que seu significado é simbólico.

No conto de Achebe, *The sacrificial egg*, no segundo parágrafo observamos as seguintes palavras – Nkwo, Eke, Oye e Afo : “This Market though still called Nkwo, had long spilled over into Eke, Oye and Afo with the coming of civilization and the growth of the town into a big palm oil port.”<sup>4</sup>(ACHEBE *apud* BONNICI, 2004, p.323 – Grifo Nosso), produzem uma lacuna no parágrafo, no qual o leitor ocidental não entenderá o real funcionamento do mercado de Umuru, pois se trata de uma estratégia em que Achebe, realmente não deseja que os estrangeiros o saibam.

A narrativa baseia-se na não aceitação da permanência européia no local; nem pelos nativos, nem pelo deus local (Kitikpa) nem pelo autor (lacuna metonímica). Esse distanciamento temporal é produzido pelos vocábulos Nkwo, *Eke*, *Oye* e *Afo*, isto é, a nomenclatura dos quatro dias da semana do povo Ibo.

A semana Ibo é chamada de *Izu* ou *Izukwe*, sendo sua real ordem iniciando com *Eke* e finalizando por Nkwo. Assim, Achebe “esconde” do ocidental a linearidade temporal da população Ibo, criando a falsa impressão que o nome do mercado seja *Nkwo* e não que é neste dia o seu funcionamento.

O Idioma Ibo é uma língua falada na Nigéria, por cerca 18 milhões de pessoas. O Ibo é uma manifestação lingüística especialmente do sudoeste da Nigéria, conhecido como Biafra. É escrito em letras latinas, é tonal como o Yorubá e apresenta uma variedade de dialetos, distintos por entonação e ortografia, como por exemplo, o dialeto *Idemili*, constantemente usado por Achebe em seus contos, como em *Things Fall Apart*. O idioma foi usado pelo Linguísta John Goldsmith (1976) como exemplo de modelo fonológico.

Em *The Sacrificial Egg*, Achebe apenas pincela termos do idioma Ibo, que vai do título ou sobrenome de Julius “Obi”, até comidas “mai-mai” e divindades como “kitikpa”.

Em: “[...] vessel from the swift-flowing Anambara. [...]. And for her children at home she bought bean cakes [or akara]<sup>5</sup> and mai-mai, which the Igara women cooked.”<sup>6</sup> (ACHEBE *apud* BONNICI, 2004, p. 324). Observamos novamente a inclusão de uma cidade “Anambara”, sem aposto, ou seja, não há necessidade do autor em explicar que o termo é uma cidade; o autor apenas “lança” o nome da cidade não inferindo o seu significado à leitura. Em vários momentos do texto, as palavras em Ibo vêm sem aposto, não referindo o seu real significado, por exemplo: “Anambara, a cidade natal de Julius”, Chinua Achebe grafava apenas Anambara.

Em seguida, os termos *Akara* e *Mai-mai*, produzem fortemente uma lacuna no período. *Akara* (bolinhos de feijão) muito conhecido no Brasil com o nome de Acarajé, do Yorubá/Ibo *akara ejé* “akara vermelho como sangue”, relacionado a cor vermelha do óleo que é servido, ou seja, o óleo de dendê. Já mai-mai também é um alimento típico da cozinha Ibo, conhecido também como moi-moi, sendo esta a mesma iguaria, só que cozida. Mais do que a inscrição de um hiato cultural, Achebe propõe, revitalizar e divulgar a cultura Ibo. Mas o poder do autor colonial de nomear ou negar um nome a grupos com o

<sup>4</sup> Este Mercado ainda é chamado de Nkwo, tendo se sobressaído a Eke, Oye e Afo com o advento da civilização e o crescimento da cidade em torno do grande porto de óleo de dendê. (Tradução Nossa)

<sup>5</sup> Do texto original.

<sup>6</sup> “[...]Jembarcação fluindo por Anambara. [...] e para suas crianças em casa, ela comprou bolo de feijão (ou Akara) e mai-mai, que a mulheres de Igara cozinhavam.” (Tradução Nossa)

idioma local, reforça o nacionalismo, o poder do indivíduo colonizado e subverte o poder da língua imperial. Em “Umuru then was the meeting place of the forest people who were called Igbo and the alien riverain folk whom the Igbo called Olu and beyond whom the world stretched in indefiniteness” (ACHEBE apud BONNICI, 2004, p.324), percebemos três fatores distintos. O primeiro é que, ao nomear o “conhecido povo” Ibo, o autor cria uma relação de poder entre a língua e o “algo” nomeado, pois como Adão, o autor celebra a existência da tribo dando-a um nome. Segundo, o autor nomeia o povo ribeiro de Olu, mas deixa claro que fora o povo ibo que nomeou “folk whom the Igbo called Olu” (*Ibidem*). Assim, eleva o povo Ibo a uma categoria semelhante aos colonizadores, de propor nomes e termos ao sujeito, inserindo assim, o poder ideológico nos signos que farão parte da sociedade local. Por fim, não nomeia os outros povos, ou seja, os estrangeiros: “and beyond whom the world stretched in indefiniteness” (*Ibidem*) dando apenas o entender de que a existências dos Outros é um fator geográfico, justificado pela extensão do mundo.

#### 4. CONCLUSÃO

Inscriver deuses e entidades desconhecida do universo judaico-cristão, não só cria uma ruptura semântica, mas um hiato cultural. Afinal, linguagem e religião são duas instituições sociais indissolúveis. A inscrição de divindades em textos reforça a idéia de proteção para com os sujeitos colonizados, visto que o transcendente sempre será uma “arma” e “defesa”. O poder do deus local é desconhecido pelo colonizador, logo, o desconhecimento transforma –se em medo.

Todos estes exemplos de lacunas metonímicas causada pela inclusão de vocábulos da língua colonizada, no caso, Ibo, confundem o significado final e verdadeiro do texto produzido por Achebe. É como se a ideologia da língua que tantos teóricos aqui referidos comentam, seja interpelada por outra ideologia, forçada pela presença de vocábulos que desestrutura o sistema de signos britânico e estrutura o sistema sociolingüístico do autor.

#### REFERÊNCIAS

ACHEBE, Chinua. **The Sacrificial Egg** In: BONNICI, Thomas. **Short stories: an anthology for undergraduates**. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2004.

ALMANDRADE apud ARRUDA, Luciana. Linguagem: **Até que ponto existimos a partir do momento em que falamos?** In: ><http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=199&rv=Literatura>< Acesso em 6 Jun 2007

ASHCROFT, B., GRIFFITHS, G., TIFFIN, H. **The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post Colonial Literatures**. London: Routledge, 1991

BODANESE, Elizabeth Maria Chemin & BOCHESE, Neri França Fornari. **Linguagem: presença significativa na identidade e no progresso de um povo**. Revista de Letras-CEFET-PR. 2002, n.5, 17/09/2006. Disponível em: ><http://www.cefetpr.br/deptos/dacex/revista5/elizabeth.htm><. Acesso em 13 Dez 2006.

BONNICI, Thomas. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá: EDUEM, 2005.

LUFT, Celso Pedro, **Minidicionário Luft**, 20ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

PINTO, Paulo Mendes. **Linguagem e Religião**: Um jogo, de racionalidade, de identidade e de fundamentos. Revista de Estudos da Religião, Nº 4, pp. 81-98, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1997.